

EDISON NOGUEIRA: Vou me identificar, eu sou Edison Nogueira da Silva, anistiado político, demitido da Rede Ferroviária na época da ditadura militar. Nessa época eu trabalhava no Rio, numa estação que chamava Praia Formosa que agora foi desmanchada. Na época, eu vou falar os fatos mais, não é? Que a história é longa, não é? Aí vai gastando muito mais tempo. Mas então eu estava, Praia Formosa era uma estação de carga, estrada de ferro de Leopoldina, no Cais do Porto. E defronte a Barão de Mauá que é do outro lado da Rua Engenheiro Bicalho. E recebi uma ordem do Almirante Cândido Aragão através do Cabo Anselmo, que hoje depois virou a casaca e andou dedurando muita gente. Mas primeiro eu quero ressaltar aqui, lamentar a morte do Modesto da Silveira, que foi o advogado que me defendeu na 4ª auditoria militar aqui de Juiz de Fora. Então o negócio foi o seguinte. Eu estava de encarregado geral esse dia em Praia Formosa. Recebi um recado de Cândido Aragão, Almirante Cândido Aragão, que atravessasse o trem na Engenheiro Bicalho, para evitar passagem do Mourão Filho com as tropas. Aí se dispôs a isso o companheiro José de Souza. Que depois foi preso, torturado e jogado de cima do 8º andar do DOPS no Rio. Quero lamentar também a morte do nosso líder ferroviário que era o Temístocles Batista, conhecido por Batistinha na intimidade. Ele foi assassinado dormindo, colado em sua esposa, entendeu? Por uns bandido, uns bandido, não é? Que entraram na casa lá pelos fundos, justamente no momento em que o genro dele saiu pra comprar pão na padaria e é fuzilado dormindo ao lado da esposa. Ficou, foi abafado, o negócio não apareceu. Não houve nem inquérito. Não se falou mais nisso. José de Souza foi assassinado por ele ter sido o maquinista que dirigiu a máquina atravessando o trem na Rua Engenheiro Bicalho no Rio de Janeiro. A Avenida Engenheiro Bicalho é aquela que dá da Novo Rio até a Getúlio Vargas e por ali que passava naquela época todas os comboios, qualquer coisa que viesse do interior. Então o trem foi atravessado ali e não conseguiram passar, eles não conseguiram atravessar. A passar aqueles tanques velhos em cima daqueles caminhões lá, que nem andando estavam não é? Então foi quando que eu tive que fugir, né? Porque, aí depois a minha família foi parar lá em, devido a minha mulher ser pernambucana, foi parar em São Lourenço da Mata. E eu consegui uma identidade falsa para poder encontrar com a família lá, por lá fiquei algum tempo. Inclusive trabalhei numa empresa de transporte Dom Vital lá, até passar a tempestade, não é? Que era a ditadura militar. Então a história é isso aí, entende? Não vou prolongar mais não, tem muita coisa pra se falar mas, o tempo é exíguo não é?

ROBSON SÁVIO: Tem mais 15 minutos.

EDISON NOGUEIRA: Hein?

ROBSON SÁVIO: Tem mais 15 minutos se quiser aproveitar, fique à vontade.

EDISON NOGUEIRA: É? Todo mundo sabia na época que o Sindicato da Leopoldina era umas das ferrovias da Rede Ferroviária, chamava-se Polpudo, porque era o sindicato mais atuante da época e comandava uma greve geral inclusive no país inteiro naquela época, liderada pelo Batistinha. Então o negócio é isso aí, não é? E eu fazia parte com muita honra, não é? E é isso aí. Eu fui também preso pela polícia mineira e me levaram para a comissão de inquérito, que era presidida pelo Major José Félix. E nessa época eu fui algemado e um Cabo José não sei de quê, me empurrou. Eu estava algemado com as mãos para as costas, bati com a boca no chão, perdi meus dentes. Então o Governador de Minas Gerais naquela época resolveu me indenizar, pra tratar dos dentes. Me deu R\$ 30.000,00. Foi o que valeu não é? Preferia os dentes que eu tinha, não é? Mas é isso aí, não é? E tem mais outras coisas, mas a gente, não vou tomar mais tempo não, chega. Até.

ROBSON SÁVIO: Nós agradecemos então o depoimento do Senhor Edilson Nogueira da Silva, Edison, isso. E nas nossas audiências ele está dizendo é Edison mesmo, não é? Isso. Nós sempre deixamos que os depoentes tenham toda a liberdade de falar o que julgarem importante, o tempo necessário, não é? A gente sempre tem muito cuidado pra respeitar isso daí. E quando às vezes resta alguma dúvida, a nossa equipe faz uma abordagem pra buscar mais alguma informação, então os senhores fiquem bastante à vontade. Queria chamar então na sequência o Professor José Luiz Ribeiro.

JOSÉ LUIZ RIBEIRO: Bom dia. Bem, essa história começa a revolver à nossa juventude, reencontrar com os amigos, eles já tão velhos, eu não.. Eu não envelheço porque o teatro vive no tempo mítico, então a gente consegue reviver a cada momento. Quando eu vou pensar no quê que aconteceu e aí vou voltar lá pelos anos, eu começaria em 61. Como soldado, no curso de cabo do 10º Regimento de Infantaria, quando Jânio Quadros renuncia. E aí a gente pela primeira vez, viu a diferença que havia, sargentos que a gente considerava bons, porque eles tinham ideias avançadas diante de uma tropa que era toda fechada. E a gente viu esse companheiro ser mandado pra outros lugares e tudo. Talvez isso aí foi a primeira vez que a gente acordou. Depois, 1968 marca um momento bastante forte porque é o ano do AI-5. E um pouquinho antes, 1966 e

65 principalmente, a gente está na faculdade de filosofia, a FAFILE. E a FAFILE que perdeu a Andréia, o Stepanenco que foram, houve uma confusão muito grande. Mas a gente conseguiu avançar com uma coisa que se chamava teatro. E junto com isso o jornal. No jornal a gente, era o Diário Mercantil, encontrava o policial da polícia federal que vinha todos os dias conversar com o Iven Cavalieri que era o editor, com um caderninho no qual o Iven anotava e saía bufando, pondo a mão na cabeça na hora que ele sentava com muita raiva. Como, durante algum tempo além de repórter, eu era diagramador do jornal, a gente sabia qual a matéria que tinha sido cortada, que não podia, o quê que não entrava. Então aquilo que a gente via lá na grande imprensa, de substituir trechos por versos de Camões, por receitas e tudo que a gente viu isso, acontecia aqui de uma maneira menor. Mas a gente vai pensar que nesse sentido não se deixava de deixar coisas nas entrelinhas porque era muito importante. Porque as pessoas não sabiam, que não era só o que era escrito, mas às vezes uma fotografia um pouco ampliada num determinado momento, e a gente viu que isso aconteceu várias vezes, dava um recado diferente. Além disso, talvez o grande trabalho que a gente possa ter percorrido seria no teatro. Eu queria relembrar aqui Maurício Tapajós, um grande amigo que já está no andar de cima com o “Célebre pesadelo” e tal ver que foi o hino da volta, não é? E talvez o que ele diz, você me corta um verso e eu escrevo outro. E de repente olha eu de novo exigindo a troca, exigindo o troco. Isso talvez seja, talvez uma epígrafe para o momento que a gente possa estar vivendo, que é realmente reencontrar o tempo. Bem, aí chega a censura. Mas aqui eu me confesso. Eu torturei muito delegado da polícia federal. Porque quando eles foram, quando veio a censura, eles não estavam muito preparados. Então eles recebiam um texto e eram obrigados a assistir o espetáculo inteiro com o texto na mão pra ver se a gente estava modificando o texto. Imagina a solidão dessa pessoa, coitada, ele não estava preparado pra aquilo. E ouvir um texto do Sófocles, não é? A Electra de Sófocles ele toda noite de ver lá, tomar conta da gente. Devia ser uma grande tortura. Mas aquele espetáculo realizado em 1968 e que a gente gritava pra eles: “gente isso é Sófocles, isso é tragédia grega”. A gente terminava com uns versos: “bravos filhos de Agamenon, quantos males suportastes por amor à liberdade. Ele enfim é recuperada graças à bravura vossa.” E nesse momento tocava prato, tocava bumbo, e as pessoas aí falavam: “não, mas isso é tragédia grega, vocês não podem cortar a tragédia grega”. Bem, porque há determinados momentos em que você tem que empinar o papagaio. Puxa um pouco a linha, solta um pouco no ar. Esse talvez seja o grande momento. Depois nós vamos viver aqueles momentos terríveis. A censura burocrática era assim, nós mandamos o santo inquérito que tinha que mandar o texto pra polícia federal, eles mandavam pra Brasília e depois voltava o texto com as autorizações ou não. Então

eles tinham três tipos de coisa pra ser feito, o primeiro era o texto que não voltava. Você esperava seis meses, sete meses, oito meses, aí os meninos que era um grupo de teatro universitário se formavam e iam embora e aquele texto não podia ser feito. Aconteceu isso com o santo inquérito. O outro doloroso também foi Marat/Sade do Peter Weiss, que voltou com tanto corte vermelho e havia um personagem, que era Duperret, eles cortaram todas as falas do Duperret. Tiraram o personagem. Nós acabamos não montando. E talvez o mais doloroso aconteceu justamente em 69, acredito, que foi o Diário de um Louco, uma versão do Rubem Rocha Filho. Claro que havia coisas importantes por quê? Era um funcionário público que ia enlouquecendo graças ao problema da burocracia e no momento que ele se declarava rei, ele subia em cima de uma mesa e falava: “hoje é um dia memorável, as mulheres marcham com seus terços” e contava um monte de coisa. “Porque hoje eu sou declarado o rei.” Era um louco que acabava internado. Bem, o que aconteceu com esse espetáculo? O público estava chegando na Casa de Itália, nós preparados, chegou o rapaz da polícia federal: “Esse espetáculo está proibido”. Não sabem, talvez os senhores, o que que era aquela frustração pra gente que trabalhava. Era um teatro de voluntariado, ninguém ganhava nada, com essa comissão. E trabalhava-se muito e a Faculdade de Filosofia era o nosso norte. E o espetáculo foi proibido. Foi proibido na hora que o público estava chegando. Vocês não sabem como é que é difícil levar gente pra assistir peça de teatro, gente, e hoje mais ainda. Então a gente entrou com recurso, depois eles liberaram cortando todas as falas. Bem, mas a arte é igual água na lage, ela acha um caminho. Então o que que fez? A direção era da Maria Lúcia, mulher. Ele tinha um lenço que ele andava o tempo todo. Toda vez que chegava a hora do corte, ele punha o lenço e falava mentalmente. O público entendia, porque naquele momento até 68, havia uma resistência muito grande. Paulo Autran, Tônia Carrero, todos eles estavam lá na Cinelândia fazendo, Cacilda Becker, todas as pessoas. E quando fez o espetáculo do Millôr, “Liberdade, Liberdade” ele falava, “liberdade”, o povo gritava, batia. Porque havia uma resistência também na sociedade para aquilo. Então, esse foi um ponto importante, mas eu acho que a gente também deu alguns dribles. 1972, a ditadura faz uma grande campanha, Independência nas Letras e nas Artes. Então aparecia na televisão aquilo bonito. Tá na hora, vamos montar Oswald de Andrade. Eles não vão poder proibir Oswald de Andrade que é a independência da Semana de Arte Moderna, não é? E pasmem os senhores, esse espetáculo nos deu o prêmio de melhor espetáculo no Festival de Teatro Jovem do SESC Centenário da Independência. E é a história. “A Morta” de Oswald de Andrade, que inaugurou o Fórum da Cultura e contava a história em três segmentos. O Primeiro que era o país do indivíduo. O segundo era o país da gramática e o que era a gramática amigos? Só se pode se escrever, não

se separa sujeito do verbo, não pode ter vírgula. A gramática era exatamente o momento que a gente estava vivendo. Com o turista precoce, com aquelas coisas todas. E o último ato, o país da anestesia. O país da anestesia nós transformamos num grande show de televisão, que naquela época o Sílvio Santos fazia um grande trabalho pra conseguir a sua emissora, não é? Houve isso, não é? Não é só a Rede Globo e tudo, não é? Todos fizeram iguais, todos foram desleais nesse sentido. Então esse país da anestesia era o país dos mortos, julgando aqui o que estava acontecendo e que terminava justamente com uma fala, com os bombeiros, que nós tínhamos então Leda Nagle como chefe dos bombeiros na época. Ela prima do Gabeira, então acompanhava muito de perto toda a história. E eles terminavam justamente: “respeitável público, não vos pedimos aplauso, pedimos que vocês saiam para apagar essa podridão do mundo”. E com essa fala a gente terminava e fazia. E a partir daí, se nós pegarmos a história do grupo de divulgação, centro de estudos teatrais, em nenhum momento nós deixamos de falar a verdade. E falamos a verdade quando fizemos um espetáculo chamava-se Era Sempre Primeiro de Abril. Quando todas as poupanças foram confiscadas e nós ficamos com toda nossa verba na caderneta de poupança e não podíamos montar o espetáculo. Mas fizemos uma coisa, desmanchamos roupa de um figurino antigo e montamos. E montamos esse espetáculo contando a história daquele presidente e mostrando pra frente que o teatro tem uma coisa oracular. Naquela época a personagem Groselha, que era a dona do cabaré da Ilha da Fantasia, fazia uma referência justamente à Zélia que depois foi se manifestar como ela seria. Vamos pensar. Que houve um momento que nós fizemos uma peça que se chama O Príncipe Rufião. E no Príncipe Rufião, contávamos a história de Fernando Henrique. Eu fiquei talvez oito meses estudando 08 meses a história da família pra poder entender. E pra entender aquelas coisas diferentes, não é? Que é, a gente vê que o Itamar confiou, achou que voltava depois e não voltou. Então essa cena era bem representada quando o Fernando Henrique dava a mala pro Itamar: “Tchau, obrigado Itamar, essas coisas não são para durar toda vida.” E aí vai o Jatene, ele vai mudando, esqueça o que eu escrevi. Se a gente pegar a história, nós vamos pegar no momento do Tancredo e a gente vai pegar o que a gente fez no Inspetor Geral. É longa a história, são mais de 200 textos montados a cada momento, refletindo o que a gente está vivendo. Nós não passamos por essa fase horrível que a gente teve, dos companheiros serem torturados, de ter saído. Mas tivemos uma coisa que é o Bufão. É concedido. Poder falar a verdade. Então na sala de aula, eu não deixei em nenhum momento de falar, mesmo quando sabia que tinha alunos especiais que frequentavam nossas salas, no serviço social, na comunicação e nas artes. E anotavam o que a gente dizia. Mesmo sabendo quando na Morta, apareceu até a EP pra assistir o espetáculo, para

gravar o espetáculo, e a gente, como era um espetáculo muito interativo, com os atores correndo pela plateia o tempo todo, esse gravador foi tomado e foi rodando de um lado pro outro, o cara ficou enlouquecido, nós apagamos tudo, quando ele chegou com a polícia ao final do espetáculo pra falar que ele tinha sido roubado, a gente entregou uma fita completamente desgravada. A gente teve que ser esperto. E hoje continua isso. Nós precisamos tomar cuidado. Nós estamos comemorando esse ano 500 anos que Martinho Lutero fez a publicação. E tamos vendo Quilombolas, tendo que substituir o candomblé por outras crenças. Nós estamos vendo que talvez a grande palavra do momento seria um filme do Griffith, Intolerância. E nós precisamos lutar contra isso. Porque foi essa intolerância que torturou. Foi essa intolerância que cortou vozes. Nós precisamos de uma democracia límpida, com debate. Que as pessoas não se fixem em determinados momentos com verdades únicas. Porque o mundo avança e nós precisamos avançar com ele. Terminou o meu tempo?

ROBSON SÁVIO: Mais 03 minutos.

JOSÉ LUIZ RIBEIRO: Bom, 03 minutos pode falar boa noite. Então o quê que eu quero dizer? A importância do teatro na época, durante toda essa trajetória, a divulgação hoje tem 51 anos e sem para de fazer em nenhum momento espetáculos e sempre dando respostas a cada época. Na ditadura, justamente com Pequenos Burgueses, com peças que eram ligadas ao realismo social do Gorch, com Frederico Garcia Lorca que foi assassinado na Guerra Civil Espanhola e que representa justamente um problema que a gente passa a viver hoje, porque ele é assassinado com um tiro no ânus porque ele é considerado homossexual. Quer dizer, esse momento a gente começa a rever, não é? Em cada obra o quê que tem a história. E quando a gente revê e quem puder acessar, nós temos um site que tem praticamente todas as nossas peças, com pequenos pedaços dessas peças de um minuto e meio e os programas, vocês vão ver que nós seguimos o tempo. E talvez o romanceiro da inconfidência seja um ponto importante pra gente falar atrás de portas fechadas, à luz de velas acesas entre sigilo e espionagem acontece a inconfidência. E a bandeira já está pronta e sobe na noite imensa. Mas seus simples inventores já são réus, pois se atreveram a falar a palavra liberdade. Liberdade, que sonho humano nenhum alimenta. Que não há ninguém que explique, mas que todos podem sentir o que é a privação da liberdade. Ela existe quando nós paramos de enxergar o que está acontecendo conosco, porque a ditadura chegou aos poucos sem que ninguém percebesse. E como uma Naja, ela nos machucou muito. Muito obrigado.

ROBSON SÁVIO: Muito obrigado ao Professor José Luiz Ribeiro, que termina sua fala também nos dando um ar de esperança, não é? Nós vamos fazer o seguinte. Nós vamos interromper essa audiência por 15 minutos, não mais do que isso, para um pequeno cafezinho. Como nós temos ainda muitas pessoas para participarem, nós não iremos exceder esse tempo de 15 minutos, ou seja, às 10h45 nós reiniciaremos. Muito obrigado e até daqui a pouco.